

## **PRETA POETA: EFEITOS E SENTIDOS DE UM PROJETO LITERÁRIO DE AÇÃO AFIRMATIVA NA UFMG**

Andrezza da Silva Xavier<sup>1</sup>, Julia Elisa Rodrigues<sup>2</sup>, Juliana Gonçalves Tolentino<sup>3</sup>, Lara de Paula Passos<sup>4</sup>, Lindiwe Sophia Oliveira Fideles<sup>5</sup>, Wendy Kelly Loyola Fernandes<sup>6</sup>

1. Estudante de Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação da UFMG
2. Estudante de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
3. Estudante de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
4. Estudante de Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
5. Estudante de Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação da UFMG
6. Estudante de Enfermagem da Escola de Enfermagem da UFMG

### **Resumo:**

O presente trabalho busca apresentar o desenvolvimento e os principais resultados do projeto “Preta Poeta: a escrita de mulheres negras enquanto um mecanismo de resistência”. O Preta Poeta é uma proposta de e para mulheres negras (cisgênero, transgênero e travestis) e visa incentivar a produção poética, a declamação e a difusão da literatura marginalizada e periférica, principalmente das sujeitas que compõem o público-alvo. O projeto foi aprovado no edital 01/2017 "Apoio a Propostas de Ações Afirmativas" da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Minas Gerais e desenvolvido durante o 2º semestre de 2017. Promovemos uma formação de sete encontros, cujo objetivo principal foi ler, discutir e pensar a literatura de mulheres negras e indígenas, além de compartilhar, exercitar e fortalecer os escritos dessas mulheres. O projeto resultou na realização de um Sarau Literário e no lançamento e distribuição gratuita de um Zine Coletivo com os escritos das participantes.

**Palavras-chave:** Literatura; Mulheres Negras; Resistência.

**Apoio financeiro:** Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Minas Gerais (PRAE/UFMG).

### **Introdução:**

Historicamente, a população negra vive uma realidade de extermínio e exclusão dos espaços de poder em nossa sociedade. O racismo desempenha a reprodução de hierarquizações e discriminações que legam posições de privilégios para alguns, em detrimento de lugares subalternizados e invisibilizados para outros. No caso das mulheres negras, atrelado ao racismo, o machismo cria uma condição social em que outras dinâmicas de opressão são conjugadas (GONZALEZ, 1982; 1984).

A Universidade, como um espaço de produção coletiva de conhecimento (SILVA E PINHEIRO, 2008), vai além das publicações acadêmicas, sendo uma importante ferramenta para legitimar e manter opressões sistêmicas ou repensá-las e desconstruí-las. Através do resgate histórico e do compartilhamento de vivências, constatamos uma grande produção intelectual de mulheres negras, apesar desse conhecimento não ser legitimado tanto na sociedade quanto na academia. Dessa forma, entendemos que uma das maneiras para reversão desse cenário de discriminação e invisibilização é retomar e acessar as produções de mulheres negras que foram e ainda são silenciadas, a fim de produzir outros discursos fora do cânone do pensamento hegemônico (SPIVAK, 1942). A escrita e a declamação representam ferramentas de expressão importantes para aquelas que, sistematicamente, não tiveram acesso ao direito de fala e que, por meio da escrita, conseguem externar, codificar e, possivelmente, compartilhar a sua produção, se convencendo das potencialidades da própria escrita.

Apoiado pelo edital 01/2017 "Apoio a Propostas de Ações Afirmativas" da PRAE/UFMG que visou dar suporte financeiro a atividades de estudantes voltadas para o combate de desigualdades na universidade, o projeto “Preta Poeta: a escrita de mulheres negras enquanto um mecanismo de resistência” é baseado no conceito de *Escrevivências*, da escritora mineira Conceição Evaristo em que é impossível desvencilhar-se dos diversos marcadores sociais que nos atravessam no processo da escrita. Assim, os principais objetivos do projeto foram: construir um espaço seguro de trocas e aprendizagem entre mulheres negras através da escrita literária; disponibilizar e compartilhar trabalhos autorais de mulheres negras, enfatizando a importância da democratização do conhecimento; contribuir, através de um pensamento crítico, com a transformação da ciência hegemônica, evidenciando outras epistemologias produzidas por mulheres negras.

### **Metodologia:**

A fim de alcançar nosso público-alvo, mulheres negras e indígenas (cisgênero, transgênero e travestis), criamos uma página nas redes sociais Facebook e Instagram com chamadas constantes para a participação da

formação do Preta Poeta. As inscrições eram gratuitas e realizadas a partir de um formulário online, no qual solicitavam-se dados básicos como nome, escolaridade, contatos e as motivações e expectativas das interessadas pelo projeto. Ademais, confeccionamos cartazes que foram afixados em diferentes espaços da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Além disso, disponibilizamos em nossas redes sociais um espaço para que mulheres negras e indígenas pudessem compartilhar os seus escritos. Tais colaborações eram enviadas por outro formulário online e as interessadas tinham a opção de se identificarem ou não.

Os encontros presenciais ocorreram em espaços distintos da UFMG (em salas de aula e locais abertos) e, geralmente, à noite, já que era o turno preferencial da maioria das envolvidas que estudam e/ou trabalham nos demais períodos. A média foi de dez participantes por encontro que variava a cada nova reunião. Realizamos sete encontros, com metodologias e propostas previamente pensadas e pautadas no acolhimento e na sensibilização das participantes, buscando promover momentos baseados na troca, na confiança e na segurança entre elas.

Assim, vivenciamos momentos que foram desde a apresentação do projeto até a apresentação de cada uma das integrantes e do público por meio de uma dinâmica em que cada mulher escrevia a palavra que mais gosta, uma que a suscita liberdade, uma que a define e, posteriormente à leitura, foi feita uma discussão das palavras e seus sentidos com o grupo. Houve a participação de convidadas da cena literária de Belo Horizonte e região metropolitana, como as poetisas Nívea Sabino e Luana Isabelle Setragni, que compartilharam com as demais suas vivências e a relação com a escrita e a declamação. O desenvolvimento do Preta Poeta foi norteado também por momentos de leitura e exibição de documentários de autoras negras (como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Cristiane Sobral, Grada Kilomba) e processos de escrita; estímulo e compartilhamento de escritas das próprias participantes, através da dinâmica “faça uma carta para você mesma e para uma mulher (ou mulheres) que admire”; roda de experimentação para preparação do Sarau e escolha dos escritos que compuseram o Zine Coletivo.

## Resultados e Discussão:

Como atividade de encerramento do projeto, o Sarau Preta Poeta aconteceu no dia 7 de dezembro de 2017, na Arena da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/ UFMG. O Sarau integrou a Semana da Consciência Negra na UFMG e dispôs de um público grande e diversificado envolvido pela seguinte programação: apresentação e declamação das participantes do projeto; campanha de troca de livros de autoras(es) negras(os) e indígenas por mudas de planta; entrega gratuita do Zine Coletivo; performance da artista Juhlia Santos; pocket show de rap; oficina de danças urbanas e roda de pagode. Importante ressaltar que todas(os) as(os) artistas convidadas(os) que compuseram o roteiro da programação são negras(os), a fim de apoiar a valorização e divulgação da cena artística negra local. Além disso, houve a realização de um “bazar das pretas” e a exposição de artesanato de mulheres negras.

As participantes do projeto foram convidadas para diversos eventos, os quais destacamos: V Encontro Internacional Política e Feminismo, realizado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher (NEPEM/ UFMG); Confluências Negras, evento que compôs as atividades do 20 de novembro na UFMG; gravação de vídeo sobre o projeto para a TV UFMG; participação na rádio comunitária da Escola Estadual Coração Eucarístico e no Café Dona Vilma Fica!, evidenciando a articulação com os movimentos sociais da cidade de Belo Horizonte.

Em todo o processo e a partir do retorno das participantes, podemos observar como espaços exclusivos para mulheres negras despertam sentimentos de autoafirmação, autoestima, confiança, empatia e solidariedade (características importantes para a construção de uma autoimagem positiva dos sujeitos, mas que foram sistematicamente negadas para as mulheres negras, através do sistema escravocrata, do racismo, do machismo e de outros mecanismos de exclusão e subalternização).

A recepção da nossa proposta foi positiva tanto pelos setores “progressistas” da UFMG quanto da sociedade em geral, o que nos gerou novas parcerias e o interesse em estender e redesenhar o projeto para outros espaços.

## Conclusões:

O projeto Preta Poeta tem em suas raízes uma proposta ativa de subversão das estruturas de poder impostas (BONETTI, 2009) a partir de uma escolha consciente por uma abordagem não neutra ou, sob os termos de Donna Haraway, uma objetividade feminista que consiste simplesmente em dar enfoque aos saberes localizados (HARAWAY, 1995). As trajetórias de escritoras de suas compositoras trazem consigo exemplos práticos do poder das práticas transgressoras e sua necessidade frente às relações de poder predeterminadas que permeiam a educação e as práticas acadêmicas e literárias (HOOKS, 2013). A noção de afeto de Jeanne Favret-Saada (1990) também se fez muito presente na composição prática do projeto, a partir das subjetividades contidas nas experiências dos encontros que se estendem à comunicação não verbal, não intencional e involuntária, podendo ser melhor descritas como a capacidade de afetar-se pelo afeto das outras pessoas.

A importância de se observar as práticas dominadoras no processo de transgressão, previamente apontados por Chandra Mohanty (MOHANTY, 1990), é valorizada a partir da interação consciente das mulheres negras nesses espaços, não apenas como objetos, mas sujeitas ativas e atuantes nos próprios seguimentos de escrita criativa e na construção do conhecimento acadêmico. Foram observadas muitas interlocuções existentes dentro de cada uma das mulheres negras integrantes do projeto, a complexidade de suas vivências, a construção

coletiva de uma consciência histórica que se funda em ideias de pessoas, civilizações, instituições e comunidades (MACHADO, 2006).

Para além de uma inspiração, a escrevivência (EVARISTO, 2007) se mostrou uma ferramenta afiada para alcançarmos o objetivo principal do projeto: a criação, articulação e manutenção de um espaço de resistência negra feminina a partir do compartilhamento de experiências e trajetórias através da escrita e da oralidade. Em uma etapa sequencial, o interesse de seguimento do projeto se renova com a expansão e diversificação do público-alvo (em processo) e a construção de um acervo bibliográfico de autoria negra.

### Referências bibliográficas:

BONETTI, Alinne de Lima. Etnografia, gênero e poder: antropologia feminista em ação. **Mediações**, Londrina, v. 14, n.2, p. 105-122, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/4509>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, v. 13, n. 25, p. 17-31, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>. Acesso em: 3 fev. 2018.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Être Affecté. **Gradhiva: Revued'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie**. 1990.

GONZALEZ, Lélia. **A mulher negra na sociedade brasileira**. In: MADEL, Luz. O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 87-106.

GONZALEZ, Lélia. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.

HARAWAY, Donna. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

HOOKS, Bell. (2013). **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. 283 p.

MACHADO, Vanda. **Àqueles que têm na pele a cor da noite: ensinâncias e aprendências com o pensamento africano recriado na diáspora**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp015798.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

MOHANTY, Chandra Talpade. On Race and Voice: Challenges for Liberal Education in the 1990s. **Cultural Critique**, n. 14, p. 179-208, 1990.

SILVA, Edna Lúcia; PINHEIRO, Liliâne Vieira. A produção do conhecimento em Ciência da Informação: uma análise a partir dos artigos científicos publicados na área. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 19, p. 1-24, jul. /dez 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/7997>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. (2010). **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010. 133 p.